

Depoimentos



Em Paris, anos 1940

Antonio Candido

Olhada em conjunto, desta posição favorável que são as *Terras do sem-fim*, a obra do sr. Jorge Amado, com todas as irregularidades, os altos e baixos, os tateios que possa ter, nos parece bastante una, caracterizada por um grande entrosamento das suas partes. Os livros deste autor nascem uns dos outros, germinam de sementes lançadas anteriormente, sementes que às vezes permanecem muito tempo em latência.

O número dos temas do sr. Jorge Amado é pequeno; daí a concatenação dos seus livros. E daí, também, a sua superioridade, uma vez que, deste modo, podem-se apresentar num sistema vigoroso.

A consciência artística do sr. Jorge Amado faz poucas constatações mas profundas e definitivas. Elas se impõem dentro do espírito do autor, que, insensivelmente, as vai amadurecendo, elaborando, enriquecendo. A não ser deste modo, um espírito apaixonado e móvel como o seu se perderia em eternos esboços. A limitação em número dos temas é a condição da sua força e do seu desenvolvimento evolutivo. Desenvolvimento que se faz seguro, num retomar constante e sucessivo de temas anteriores, um livro, como disse, saindo do outro.

Dos meninos vadios de *Jubiabá*, do bando de Antônio Balduino, nascem e crescem os *Capitães da Areia*, e dos seus saveiros, do oceano, nasce *Mar morto*. Os meninos vadios, por sua vez, são certamente uma necessidade imposta por *Suor*, pelo desejo de mostrar a gênese daquelas vidas esmagadas de cortiço. O cacau, lançado no romance deste nome, fica latente muitos anos. Perpassa nas histórias do negro velho de Ilhéus, em *Jubiabá*. Aparece de modo fugaz em *Capitães da Areia*, já sob o aspecto pioneiro e *far-west* que constitui a trama das *Terras do sem-fim*, onde expande e se realiza, definitivo. O “Diário de um negro em fuga”, de *Jubiabá*, apresenta os personagens de *Mar morto* e a vida dos trabalhadores do fumo, irmãos dos de cacau.

E os livros vão-se dando a mão, alargando os primeiros choques emocionais que feriram o autor, se desdobrando, como indiquei, segundo a dialética do documento e da poesia.

Documento e poesia são representados, na obra do sr. Jorge Amado, por um

certo número de preocupações e de temas. Encarados do ângulo documentário, os seus romances constituem sempre uma ascensão e uma informação. Informação de níveis de vida, de ofícios, de gênero de ocupação, de miséria, de luta econômica, de produtos; asserção de certos pontos de vista de onde se descortinam atitudes sociais, reivindicações proletárias, desajustamentos de classe.

Do ângulo poético, são temas, formadores da ambiência em que o documento é exposto e vivificado; em que adquire realce e ganha força sugestiva. São certos ambientes, certas constantes cênicas e sentimentais como o mar, a noite, a floresta, o vento, o amor. Constantes que obcecaram o sr. Jorge Amado.

O mar penetra com *Jubiabá*, e daí por diante não lhe é mais possível livrar-se da sua obsessão. Antônio Balduino a sente, e ela volta na sua vida, de modo periódico, como um refrão de fuga e de mistério. Em *Mar morto* ele invade o livro todo, pois que ele é o livro. Como Baldo, os meninos de *Capitães da Areia* se agitam pelas praias, onde moram, onde amam, escutando o apelo da água. *Terras do sem-fim* começa por um episódio marítimo. O mar é o preâmbulo do drama do cacau.

A mata, apagado elemento decorativo em *Cacau*, onde mal aparece, começa a se fixar emocionalmente em *Jubiabá*. É a mata misteriosa e evocadora, cheia de terror, por onde foge Antônio Balduino. Em *Terras do sem-fim* ela irrompe com fúria, numa noite de tempestade. E a floresta do Sequeiro Grande é, por assim dizer, o personagem real do livro. É ela que joga os homens uns contra os outros; é ela que, adubada do seu sangue, se abre na florada do cacau.

Água, mato, noite, vento. Temas, que são a poesia mesma dos livros do sr. Jorge Amado, tratados, não com a larga melancolia schmidtiana, mas com a eloquência profunda que os arrasta para a épica, para a veemência às vezes quase retórica, amplificadora e persuasiva, neste baiano, da terra dos oradores e de Castro Alves.

Graças a esses temas, o sr. Jorge Amado inscreveu a sua obra no mundo, dando-lhe um sentido telúrico. Mas dominando-os, se instala o tema humano do amor, que paira sobre eles.

O amor carrega de uma surda tensão as páginas dos seus romances, avultando por cima do rumor das outras paixões. Na nossa literatura moderna, o sr. Jorge Amado é o maior romancista do amor, força de carne e de sangue que arrasta os seus personagens para um extraordinário clima lírico. Amor dos ricos e dos pobres; amor dos pretos, dos operários, que antes não tinha estado de literatura senão edulcorado pelo bucolismo ou bestializado pelos naturalistas.

Trecho de “Poesia, documento e história”, ensaio escrito em 1945 e publicado posteriormente na coletânea *Brigada Ligeira e outros escritos*, Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2004. Reprodução autorizada pela editora Ouro sobre Azul.

ANTONIO CANDIDO é poeta e crítico literário, professor emérito da USP e da UNESP e doutor *honoris causa* da UNICAMP.

Claude Guméry-Emery

Ler Jorge Amado num país estrangeiro é entender pela literatura como se formou o Brasil, é tornar presente e patente o que o sociólogo Gilberto Freyre e o historiador Sérgio Buarque de Holanda explicaram. É compreender a história do Brasil além de Salvador e da Bahia.

Jorge Amado sempre afirmou que seu pensamento não mudou no decorrer da longa carreira literária, entre o período do militante político que se inspirou no realismo socialista e o período do “amigo do povo” que integrou o realismo mágico; a verdade é que sempre defendeu os oprimidos, mudando apenas a avaliação das soluções; num primeiro momento, pensou que o socialismo vigente em outras partes do mundo e elaborado para sociedades industrializadas poderia vir a ser uma solução para o Brasil; depois passou a encarar a realidade histórica, social e racial do Brasil e demonstrou que o país também poderia ser ideologicamente independente e construir as próprias soluções. Foi da utopia socialista à valorização da miscigenação. Por enquanto, a história ainda não lhe deu o devido reconhecimento, mas ele nos entregou uma mensagem de esperança, oferecendo o Brasil como um modelo para o mundo, enquanto outros países viviam o drama do apartheid.

Para retomar uma expressão de Patrick Chamoiseau, escritor francófono do Caribe que já mencionou o nome de Jorge Amado em seus romances, ele foi “a voz daqueles que não têm voz”.

Nos romances de Jorge Amado, vivenciamos os resultados da colonização portuguesa (mas não só; também da francesa, da inglesa, da holandesa, da espanhola, em outras terras) e da escravidão; quem lê *Seara vermelha* compreende o Movimento dos Sem-Terra; quem lê *Os pastores da noite* entende a violência urbana de hoje. Jorge é a articulação entre a herança do passado e a construção do futuro. Conta a epopeia da conquista das terras, denuncia o latifúndio nos “romances da terra”, defende os menores abandonados, reabilita a mulher negra e mestiça nos romances urbanos, explica como se estruturou e hierarquizou a sociedade brasileira, mostra como é longo o caminho a ser percorrido.

Jorge Amado sempre se colocou a favor de um povo que, ainda que mal alfabetizado, frequenta a escola da vida, que nunca tem férias, como ele próprio diz, e com ele o leitor vai aprendendo rindo e chorando. “Amanhã é dia de branco”, diz o dito popular, resquício de uma sociedade escravocrata que desprezava o negro e passara a considerá-lo atavicamente preguiçoso e inútil, já que sua força de trabalho fora substituída no sul e no sudeste por imigrantes europeus.

Com Jorge Amado aprendemos a conhecer, respeitar, amar, compartilhar a cultura afro-brasileira, a culinária, a capoeira, o candomblé. Aprendemos a conhecer, respeitar, amar o outro, a identidade do outro, a cultura do outro, seja ele quem for.

Muitas pessoas que criticaram o escritor baiano hoje em dia reconhecem que ele abriu caminhos de compreensão, de tolerância, de solidariedade, pela via literária, tanto no Brasil como no exterior. Jorge Amado sempre exaltou as forças de vida (o *eros*) contra as forças de morte (o *thánatos*). Não é um escritor apenas baiano ou brasileiro; é um escritor universal que falou de problemas universais.

Também herdeiro de Oswald de Andrade, que o tratava de camarada e dizia “Me dá um cigarro”, Jorge Amado foi jogando fora a gramática culta e chegou a se exprimir na língua do povo, com palavrão, calão e poesia, amontoando história sobre história, pormenor sobre pormenor, digressão sobre digressão: cantador, cordelista, repentista, ele inventou o que os caribenhos passariam a chamar de “oralitura”. É que Jorge Amado sabe ser um contador de histórias. Uma coisa é conhecer histórias; outra bem diferente é saber contá-las e prender o leitor até a última linha, até a última palavra, fazê-lo ir do riso às lágrimas, da fúria à alegria.

Com *Gabriela* surgiu o humor na prosa do escritor baiano, e muitos pensaram que ele tinha abandonado a luta, quando apenas se pusera a pensar e a escrever como brasileiro genuíno, para melhor se tornar, embora ainda não o soubesse, cidadão do mundo. Quem foi que disse que os humoristas não são tomados pelo absurdo e pela crueldade da vida, e que não tentam vencê-los pela inversão dos valores, como se pode conferir em *Dona Flor e seus dois maridos*? O humor não seria, como diz o escritor francês Robert Escarpit, uma arma de combate? As situações descritas por Jorge Amado frequentemente não têm nada de alegres; a alegria está na maneira de contá-las, sem contudo desrespeitar os seus personagens, tão fiéis à realidade a ponto de às vezes passarem direto para a ficção, como a Mãe Aninha, mestre Pastinha, Carybé, Mirabeau Sampaio, ou de serem perfeitamente reconhecíveis pelo leitor nas ruas de Salvador e do Brasil, como Antônio Balduino, Vadinho, cabo Martim, Otália e tantos outros.

Hoje é fácil elogiar Jorge Amado, mas não se deve esquecer que em outros tempos isso levaria à cadeia, da mesma maneira como o escritor baiano foi parar na prisão pelas ideias que sempre defendeu, e que seus livros foram queimados

em praça pública, em auto de fé, como se o fogo queimasse as ideias. Para ler, escrever, contar e pensar por conta própria, o caminho é longo. Essa é a lição de Jorge Amado.

CLAUDE GUMÉRY-EMERY é professora de literatura e cultura brasileira na Universidade Stendhal de Grenoble, na França. Doutorou-se em 1985 na Universidade de Rennes com a tese “As personagens femininas na obra romanesca de Jorge Amado”.

Myriam Fraga

Conheci Jorge Amado em 1964, pouco tempo depois de ter publicado meu primeiro livro, que na verdade era apenas uma modesta *plaquette*, com onze poemas sobre o mar, obviamente intitulada *Marinhas*. Era minha primeira incursão no reino das letras, sem contar alguns poemas publicados em suplementos culturais e em revistas literárias. A publicação, se era pequena no conteúdo, em compensação vinha com o selo Edições Macunaíma, de grande prestígio na época, e enriquecida com gravuras de Calasans Neto, também editor e programador visual.

Nunca soube ao certo como o livro chegou às mãos de Jorge Amado, provavelmente por conta de Calasans Neto; ou teria sido através de Zitelmann de Oliva, prestigioso intelectual, escritor e jornalista, um dos donos da gráfica que imprimira o trabalho? Ou talvez Odorico Tavares, o todo-poderoso diretor do *Diário de Notícias*, que mantinha uma coluna literária intitulada “Rosa dos Ventos”, na qual elogiara a estreante.

O encontro se deu num jantar em casa de amigos, onde estavam presentes vários artistas e intelectuais. Ao ser apresentada ao grande escritor, apesar da minha timidez, não pude deixar de observar, com surpresa, que ele também parecia embaraçado quando disse: “Ah! É você... Gostei muito de seu livro, li para Zélia e ela também gostou bastante”. E, em seguida, para aumentar ainda mais o meu espanto, acrescentou, quase como se pedisse desculpas: “Acho que você deveria enviar alguns exemplares para outros poetas que irão também apreciar o seu trabalho. Se permitir posso lhe mandar uns endereços amanhã, pelo meu motorista”.

Embora lisonjeada, não fiz muita fé no oferecimento. Um homem tão importante, pensei comigo mesma, com tantos compromissos, vai lá se lembrar de uma aprendiz de poeta?

Bem se vê que eu não conhecia Jorge Amado. No dia seguinte lá estava Aurélio, o motorista, com a encomenda: um envelope pardo com uma folha de papel com o timbre da Academia Brasileira de Letras, onde ele escrevera: “Aí vão os endereços; acrescentei, também, alguns cartões que você, se achar conveniente, poderá enviar juntamente com o livro autografado”.

Assombrada, li o nome dos destinatários: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Stella Leonardos... Em cada cartão ele escrevera uma apresentação carinhosa.

É claro que enviei tudo no menor tempo possível, e graças a esse ato de generosidade, pouco tempo depois tive a satisfação de receber mensagens desses grandes escritores, santos da minha devoção, que até aquele momento pareciam habitar num Olimpo inalcançável.

Não conto isso para me vangloriar, mas apenas como exemplo de uma situação que vi repetir-se ao longo dos anos, nas mais diversas ocasiões e com os mais diferentes protagonistas.

Sempre atento, sempre ligado aos rumos e às dificuldades dos autores; num país pouco propenso a valorizar a produção literária, a boa vontade de Jorge Amado não conhecia limites: além das apresentações, dos prefácios, das indicações para prêmios, com a maior discrição, quase em surdina, ele sempre dava um jeito de abrir as portas, de facilitar as coisas, de aplainar os caminhos. E toda vez com a mesma simplicidade, modestamente, como se estivesse cumprindo uma obrigação.

Raros, muito raros os escritores, artistas ou simplesmente amigos que, de um modo ou de outro, não se fizeram credores de sua generosidade.

E, o que é mais interessante, às vezes até mesmo sem desconfiar...